

HA' no 2.º Artigº de V. Ex.º coisas exactas e coisas inexac-
tas. E' exacto, por exemplo,
que alguns dos meus artigos
não foram suficientemente revistos, que
não tem unidade perfeita de desen-
volvimento; que são, por vezes, aqui e
além excessivamente condensados, que o
assunto me apaixonava e arrasta para fóra
do campo da vulgarização, que alguns
desses artigos flutuam indecisos entre
a vulgarização e o trabalho original; que
um certo nervosismo se reflete nêles,
e outras coisas ainda que V. Ex.º pode-
ria acrescentar. As causas disso são va-
riadas, nem tôdas dependem de
mim (1); espero, porém, que estes de-
feitos estarão atenuados na série de 50
artigos que o «Diabo» vai publicar sô-
bre a Escola de Viena, e em outros a
aparecer na «Seára Nova».

E' exacto igualmente que alguns des-
lizes existem de linguagem, nos meus
artigos. Mas tais deslizes são frequen-
tes em homens de categoria de Scho-
penhauer, que chamou, com todas as
letras, a Hegel, charlatão; e o próprio
Goethe, o clássico e sereno Goethe, se
fartou de trocar com os metafísicos
alemães, os quais, segundo dizia, se
acharão um dia supinamente ridículos,
ao dar pela vacuidade das suas trans-
cendências.

E já na velha Grécia Antístenes me-
tia a ridículo Platão, dizendo: «Eu vejo
bem um cavalo, mas não a Cavaleida-
de», o que significa que a essência não
é qualquer coisa de universal. Poderia
encher páginas com ironias deste e
doutros géneros, mas a fórmula irónica
e polémica é tão vulgar entre os filóso-
fos, que me parece inútil vir aqui fazê-
lo.

Estou ainda de acôrdo com o sr. dr.
Casais Monteiro quando diz que me
não devia preocupar com os insultos
vindos de certos sectores. Mas o ex-
cesso do alarido enerva, e êle não veio,
ao contrário do que diz o dr. C. Mon-
teiro, apenas dos canis da Outra Ban-

(1) Por exemplo: a impossibili-
dade de revêr os artigos.

da; veio igualmente do lado de cá,
sendo bastante citar, como exemplo, as
colunas de proza que despejou sobre
mim o escritor sr. A. F. a quem tive
de escrever fazendo ver que a Escola
de Viena e coisas análogas não são
insultos para ninguém. De resto, puz
bem em fóco que não são os doestos
nem as injúrias que me embaraçam,
mas sim a confusão a que me referi,
determinada pela ligeireza daqueles que
deformam as coisas mais simples, como
o caso já citado de «pícnico» feito sínó-
nimo ora de parvo ora de bolchevista...

O que não é exacto, pelo contrário,
é que eu tenha qualquer ódio ao fale-

ponto de acôrdo comigo que a polé-
mica pessoal é destituida de qualquer
interesse e que é sempre lamentável
transformar em questão pessoal o que
na realidade é, apenas, questão dou-
trinária, de simpatias intelectuais, ou
expressão caracterológica. Ora, sob êste
ponto de vista, é inexacto dizer-se,
como o faz o sr. dr. Casais Monteiro,
que a minha preocupação tenha sido
uma simples divulgação de quaisquer
ciências; a questão é mais complexa
e profunda. Seja-me permitido es-
clarecer êste ponto, pois se trata
do conhecimento não deste ou daquele
ramo de ciencias mas do Neo-Positis-

2.ª Carta ao Sr.

P O R A B E L

mo Empiro-lógico, o mais notável movi-
mento filosófico dos tempos modernos.

//

Pelos fins do século XIX deu-se no
conjunto das ciencias uma crise que
afectou em particular as matemáticas,
a lógica e a física, crise que abalou o
edifício delas até aos seus alicerces.
Um momento a Metafísica cantou vitó-
ria, pela pênna e boca dos seus pala-
dinos; mas bem depressa a crise se
resolveu, e dela resultou a reconstru-
ção de todo o edifício científico, re-
construção que continua em nossos
dias; e por tal fórmula essa reconstrução
se fez que deu ao todo um amplidão,
uma flexibilidade e uma grandeza, har-
monia, simplicidade e coerência, que a
ciência clássica não possuía.

Não é fácil tarefa dar uma idéa, re-
sumida sequer, do que seja hoje, em
relação ao antigo, o panorama actual da
ciência; e não será exagerado dizer que
a ciência clássica é o elemento infinita-
mente pequeno de que a nova é o in-
tegral, o segmento de recta infinitesi-
mal de que o todo é a circunferência.
Esta imagem define esquematicamente,
por fórmula sugestiva, a extraordinária
ampliação dos quadros da ciência, e
as correlações existentes entre a clási-
ca e a actual; e mostra além disso
que, muito ao contrário do que por
vezes se diz e pensa, a ciência clási-
ca não faliu, mas apenas se tornou
insuficiente. Era uma ciência á escala
humana, como a Geometria d'Euclides
o era, sob certos pontos de vista, do
espaço «humano».

Da crise resultou não só uma nova
concepção do mundo, como também uma
correlação inteiramente diferente entre
o homem e o mundo: «êste facto basta-
ria para transformar a mentalidade
do homem».

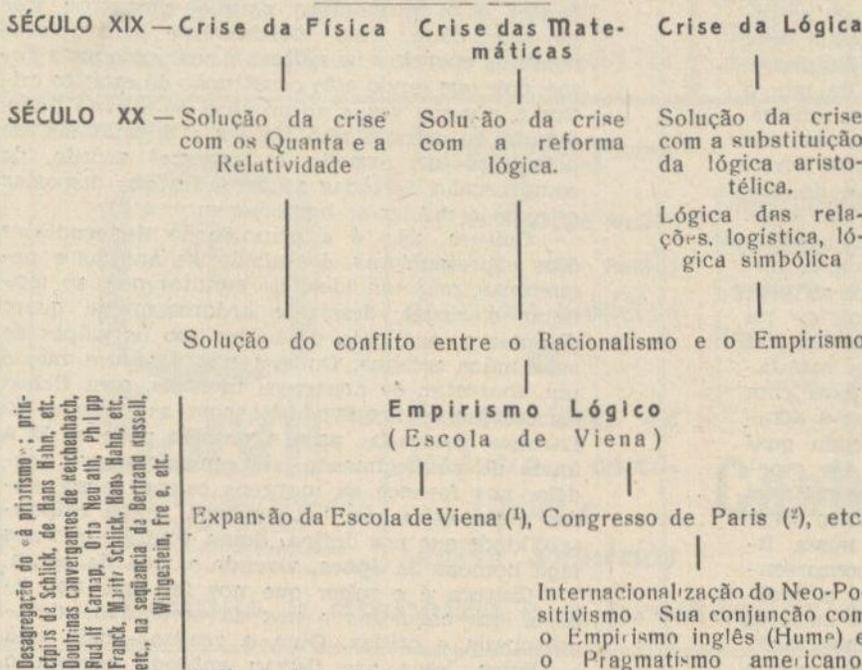
Transformaram-se, desenvolveram-se e
consolidaram-se as matemáticas, e a
lógica; criou-se a lógica simbólica, a
logística, a lógica das relações; separou-
se a lógica do finito da lógica do in-
finito; surgiu o cantorismo, e desen-

cido dr. Leonardo Coimbra. Posso prová-
lo e testemunhá-lo, quando o dr. Casais
Monteiro assim o deseje; Leonardo
Coimbra era um homem dotado de bril-
hantes qualidades; mesmo, quando o
queria, um «charmeur»; e, ao mesmo
tempo, de uma falta de seriedade in-
telectual e moral completa, um exem-
plar raro de cinismo. Nêsse ponto o
sr. dr. Casais Monteiro não tem o di-
reito de contradizer uma afirmação que
eu estou pronto a provar, quando o
queira: negar «à priori», sem conhecer
os factos, não faz sentido. Se assim
o quizer, ponho pedra no assunto; se
o não quizer, tudo será esclarecido:
mas o espectáculo será lamentável.

Não interessam, de resto, para o caso,
nem as pessoas, nem os talentos, deste
ou daquele senhor, mas sim e apenas
os fenómenos de que são os expoentes;
se alguns nomes veem, por vezes, á
superfície, como o do famoso Hei-
degger, é porque são exemplos mais ou
menos simbólicos dêsses fenómenos.

Creio bem, em suma, e supponho que
o sr. dr. Casais Monteiro está nesse

QUADRO - A



Desagregação do «á positivismo»: prin-
cipis de Schlick, de Hans Hahn, etc.
Doutrinas convergentes de Reichenbach,
Rudolf Carnap, Otto von Neurath, Ph. I pp
Frank, Moritz Schlick, Hans Hahn, etc.
etc., na sequência de Bertrand Russell,
Wittgenstein, Frege, etc.

(1) Ver o «Erkenntnis».

(2) Ver os 8 volumes de Actas (Actualités Scient., Herman e C., Paris)